

UNIVERSIDADE CANDIDO MENDES  
INSTITUTO DE PESQUISAS SÓCIO-PEDAGÓGICAS  
PÓS-GRADUAÇÃO “LATO SENSU”

## LEITURA EM SALA DE AULA



Por: Francilene Lima de Matos

Orientador

Prof. Ms. Marco A . Larosa

Rio de Janeiro

2001

UNIVERSIDADE CANDIDO MENDES  
INSTITUTO DE PESQUISAS SÓCIO-PEDAGÓGICAS  
PÓS-GRADUAÇÃO “LATO SENSU”

**LEITURA EM SALA DE AULA**

Apresentação de monografia ao Conjunto  
Universitário Cândido Mendes como  
condição prévia para a conclusão do Curso  
de Pós-Graduação “Lato Sensu” em  
ADMINISTRAÇÃO ESCOLAR  
Por FRANCILENE LIMA DE MATOS.

## **AGRADECIMENTO**

A Deus em primeiro lugar, e a todos que acreditaram em minha proposta de trabalho através da leitura.

## DEDICATÓRIA

.... dedico aos profissionais docentes que acreditam que a educação não é privilégio para poucos, mas um direito de todos.

## RESUMO

Considerando a leitura um elemento fundamental no processo de aprendizagem, organização e construção do conhecimento, buscou-se através de diversos textos, um apoio teórico para esta proposta de trabalho.

Aliando teoria e prática apresentou-se um texto cujo objetivo era oferecer oportunidades e orientar o desenvolvimento da capacidade de expressão e da formação do sujeito crítico.

Tem-se como finalidade levar o professor a compreender melhor como é o processo de leitura (não decodificação de signos) e assim proporcionar a melhoria do desempenho e o gosto pela leitura entre os alunos, criando e despertando o interesse dos mesmos.

Procuramos levar subsídios para o leitor trilhar o seu próprio caminho, construindo através de observações críticas o processo interno e subjetivo que é o ato de ler.

## METODOLOGIA

O presente trabalho consiste em apresentar aos profissionais da educação atividades que desenvolvam a capacidade de criar dos alunos, tal como o gosto pela leitura.

Após uma pesquisa feita com docentes da rede pública e privada, relacionamos as dificuldades mais frequentes que são encontradas para o eficaz trabalho da leitura em sala de aula. Porém, não deixamos de perguntar também aos alunos quais eram as suas críticas em relação ao ato de ler.

A partir destas entrevistas, procuramos desenvolver um trabalho de leitura e produção de textos com alunos da 5ª série do ensino fundamental.

O trabalho teve a duração de cinco meses (fevereiro a julho de 2001) e culminou com a realização de um livro de histórias feitas individualmente e em sala de aula, tendo como tema principal “A Amizade”. Isso, após a leitura e debate do texto de Ruth Rocha “A lenda da criação do mundo”.

Com base em textos teóricos procuramos levar para a prática da sala de aula a realidade da leitura e ainda, motivar os alunos a desenvolver o senso crítico e social através de textos e reflexões sobre os assuntos propostos.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
<b>CAPÍTULO I</b>	
<b>O que é leitura?</b> .....	12
1.1- O Conceito de leitura.....	13
1.2- Leitura e subjetividade. ....	17
<b>CAPÍTULO II</b>	
<b>Algumas reflexões sobre a leitura</b>	
2.1- Leitura e sociedade.....	20
<b>CAPÍTULO III</b>	
<b>Proposta de leitura</b>	
3.1-Preparando para praticar a leitura .....	25
3.2- Praticando a leitura e a produção de texto.....	27
CONCLUSÃO .....	31
<b>ANEXOS</b>	
<b>BIBLIOGRAFIA</b>	
<b>FOLHA DE AVALIAÇÃO</b>	

“A leitura tem sido, historicamente um privilégio das classes dominantes; sua apropriação pelas classes populares significa a conquista de um instrumento imprescindível não só a elaboração de sua própria cultura, mas também à transformação de suas condições sociais. ( Magda Soares)

## INTRODUÇÃO

Durante nossa vivência em sala de aula, o desinteresse dos alunos e até mesmo dos professores pela leitura, incentivou à necessidade de nos aprofundarmos pesquisas sobre a relação: *construção do conhecimento e leitura*. Toda nossa atenção voltou-se para este fato e nos motivou a levantarmos dados e estudarmos mais profundamente sobre este assunto.

Atribuímos a leitura um papel cada vez mais importante em nossos dias, pois consideramos uma das melhores formas de adquirirmos e organizarmos o conhecimento. É importante frizarmos o ato de ler precisa levar o indivíduo à compreensão do assunto lido e não simplesmente repetição de informações, para que assim, criticamente, possa se dar à construção do conhecimento e a produção de qualquer outro texto.

A palavra *leitura* não é ouvida com muito prazer. Alunos e mestres a vêem como um tabu, ou melhor, uma enorme dificuldade. Ficar atento a leitura por alguns momentos, para muitos não é motivo de grande satisfação. Quando se lança uma dinâmica em sala de aula e se fala que para a concretização da mesma é preciso a leitura, logo se ouve descontentamentos. Mas afinal, o que é leitura? Será que não é necessário desmistificar o conceito que deram a este ato? Será que a construção do conhecimento não se tornaria muito mais fácil se nossos alunos participassem de aulas com dinâmicas de leitura e outras atividades relacionadas a ela? Ou será que a culpa não é dos nossos alunos, e eles apenas não gostam de ler porque foram condicionados a decifrar letrinhas?

Na escola é costume abordar a leitura como recurso pedagógico visando, por exemplo, o aprender a ler, a leitura em voz alta e as interpretações de textos superficiais.

Neste estudo nos preocuparemos, não com métodos e regras, mas com a construção do conhecimento a partir da leitura e a motivação da criatividade.

O principal objetivo deste estudo é comentarmos, através de trabalhos práticos, que as colocações que dificultam a leitura podem e devem ser superadas pela escola, desde que reveja suas metas, juntamente com professores e alunos .

# **CAPÍTULO**

## **I**

### **O QUE É LEITURA?**

Ao ouvirmos falar em leitura podemos ter em mente várias situações e respostas, mas nenhuma que nos dê um conceito sólido de leitura. Ao imaginarmos uma pessoa lendo livros, jornais ou revistas podemos denominá-lo um decodificador de letras. Mas será que a leitura consiste apenas em decifrar palavras. Quantas vezes ouvimos a expressão “ler cartas”, “ler a mão”, ou “ler o tempo”. Será que o conceito de leitura não deve ir além da escrita, além do ato de desvendar sintagmas ?

Para Celso Pedro Luft, em seu Dicionário da Língua Portuguesa, *leitura* quer dizer “ação ou efeito de ler”, e a palavra *leitor* significa “o indivíduo que lê ou tem o hábito da leitura”<sup>1</sup>. Mas afinal o que se quer afirmar quando se fala em ler, o que é ler o mundo? Leitura é o ato de ler o quê? O que é ser um leitor? Existe um leitor ideal? Será que não podemos ler se não houver palavras? Será que os deficientes visuais não conseguem ler? Realmente o conceito de leitura não é um dos mais abrangentes na área denotativa.

É verdade que o valor dado à leitura hoje em nosso país não é tão grande, mas se pararmos para analisar como e quando começamos a ler, talvez isso possa ganhar outros méritos. Ao observarmos o mundo de uma criança, veremos que ela reage de diferentes maneiras às diversas situações (se lhes agradam ou não). Enfrenta o mundo de acordo com sua leitura: o aconchego dos pais, os elogios dos amigos, o som estridente ou a canção de ninar, todos estes fatores influenciam na maneira de se manifestar diante de suas experiências.

---

<sup>1</sup> LUFT, Celso Pedro.1998

## 1.1- O CONCEITO DE LEITURA

De acordo com Paulo Freire: “a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele”<sup>2</sup>

A leitura é uma forma de atribuição contínua de significado, os quais precisam ser desvelados pela compreensão do Ser-Humano, pela sua subjetividade. Cada ser lê o mundo a partir de suas vivências, passa a ter suas reflexões através de sua própria existência humana.

Um indivíduo só pode ser considerado leitor, quando passa a compreender o que lê. Podemos afirmar neste caso que ler é antes de tudo, compreender, por isso não basta decodificar sinais e signos, é necessário portar-se diante do texto, transformando-o e sendo transformado. “Compreender a mensagem, compreender-se na mensagem e compreender-se pela mensagem”<sup>3</sup> são três propósitos que ultrapassam os propósitos livrescos da comunicação leitor-texto.

Naiel Safady em seu livro “Introdução a análise do texto”, afirma que o leitor curioso e interessado é aquele que está em constante conflito com o texto, conflito representado por uma ânsia incontida de compreender, de concordar, de discordar – conflito, enfim, onde quem lê não somente capta o objeto da leitura, como transmite ao texto lido cargas de sua experiência humana e intelectual.<sup>4</sup>

---

<sup>2</sup> FREIRE, Paulo. 1981

<sup>3</sup> SILVA, Ezequiel Theodoro.1996. p. 45

<sup>4</sup> SAFADY, Naief. 1968. In: Silva, Ezequiel Theodoro.1996

O conceito de leitura liga-se por tradição ao processo de formação global do indivíduo à sua capacitação para o convívio e atuações social, política, econômica e cultural.

De acordo com Maria Helena Martins as concepções sobre leitura, grosso modo, podem ser sintetizadas em duas caracterizações:

- 1) como decodificação mecânica de signos lingüísticos, por meio de aprendizado estabelecido a partir do condicionamento estímulo-resposta (perspectiva behaviorista-skinneriana);
- 2) como processo de compreensão abrangente, cuja dinâmica envolve componentes sensoriais, emocionais, intelectuais, fisiológicos, neurológicos, tanto quanto culturais, econômicos e políticos (perspectiva cognitivo-sociológico)<sup>5</sup>; tendo esta última condições para uma abordagem mais ampla.

Com base no processo de decodificação versus compreensão, vimos a partir desses comentários, que esta é uma questão dialética e não pode ser pensada separadamente. A compreensão dos signos e sinais só se dá através da decodificação do mesmo e vice-versa.

É verdade que o texto, literário ou não, a partir desta compreensão, consegue demarcar um discurso ideológico, já que podemos caracterizar como Ideologia tudo aquilo que nos torna sujeito do objeto ideológico (o texto). Para isso, é necessário avaliarmos o lugar em que a leitura ocupa na sociedade, pois um texto pode ser formador de opinião e/ou modificador de um conceito social. Segundo Slakta (1971), a ideologia aparece como um processo de comunicação implícito que determina as práticas (discursivas e outras) dos indivíduos constituídos em sujeito.<sup>6</sup>

---

<sup>5</sup> MARTINS, Maria Helena. 1994. p.31

<sup>6</sup> ORLANDI, Eni P. 1987. p.188

O texto quando lido com intenção de compreendê-lo tem o poder de transformar um indivíduo passivo em um cidadão crítico e agente, capaz de modificar e formar conceitos.

Desta forma, a leitura faz com que o texto se torne um demarcador do discurso ideológico, capaz de dominar o espírito de um homem ou grupo social.

Todo este processo do Ler acontece devido a participação do leitor no texto, ou seja, o leitor interage com o autor. Assim, podemos falar em produção de texto, na perspectiva de que a leitura “é produzida” e afirmar que o leitor é um ser agente. A leitura passa tomar a forma do mundo daquele que a recebe (receptor) através das palavras daquele que a escreve (emissor), tendo em comum um código e uma mensagem nos quais ambos moldam de acordo com suas respectivas leituras de mundo.

É preciso então, considerar a relação do leitor com o texto e com o autor, e destes com o contexto que os cercam.

A leitura é um processo de desencadeamento da significação. É o momento em que o autor e o leitor se confrontam e definem-se em suas condições de produção, ou seja, dão a quem é de direito o papel de “sujeito” da leitura.

E a quem pertence esta nomeação realmente, ao leitor ou ao autor? Ao analisarmos esta indagação, percebemos que o autor apesar de ser aquele que dá corpo ao texto, não passa de um mero emissor. É o leitor quem dá asas ao contexto, é ele quem faz com que as palavras modifiquem ou não a sua leitura de mundo. É através de suas experiências que o texto passa ter vida e alma.

Um texto muda de significado conforme o leitor e a época vivida. Leituras possíveis em certa época, não são em outras. Lemos de forma diferente de acordo com o momento, condições e situações. Nossa leitura é fruto de nosso mundo exterior e interior.

Enfim uma sociedade é resultado de muita leitura. Não apenas leitura feita através de uma linguagem verbal, mas principalmente um ato realizado através de conceitos não-verbais. Lemos tudo que está a nossa volta e muitas vezes somos induzidos a isto, de maneira ideológica ou não. A verdade é que o ser humano não é capaz de viver racionalmente em um mundo que não consegue ler. Nenhum ser, sendo ele racional ou não se torna agente dentro de um âmbito social que não compreende. É ele o sujeito da leitura, e quem decodifica o ato de ler. É através de sua própria experiência que o espaço é reconhecido, a leitura pode acontecer e o indivíduo passa a compreender o seu mundo. É a partir da leitura que o homem questiona, critica e torna-se um cidadão diante da sociedade que integra.

## 1.2- LEITURA E SUBJETIVIDADE

De acordo com Celso Pedro Luft *subjetividade* é o mesmo que: 1- De ou relativo ao sujeito; 2- Que está somente no sujeito, no eu, que se passa ou existe no espírito; 3- Que exprime apenas idéias ou preferências da própria pessoa.

Partimos então da referência “sujeito e leitura” para designarmos a compreensão do ato de ler.

Ezequiel Theodoro Silva distingue duas posturas do sujeito diante da leitura: o “ledor” e o “leitor” assim descritos: o aluno que se limita a reproduzir as ideias que constam no texto recebe o título de ledor, enquanto que aquele que consegue compreender o que o texto traz, e até é capaz de formular sua opinião sobre o assunto é o verdadeiro “leitor”. (1988)<sup>7</sup>

Um dos passos mais importantes no caminho da formação do leitor é perceber que é preciso estabelecer uma relação com o texto e deste com um contexto maior: conhecimentos vivenciados.

Conhecimentos prévios indicam caminhos para se chegar à compreensão do texto, sem que ele seja um agente dominador, mas um agente capaz de fazer seu leitor refletir.

Ezequiel Theodoro posiciona-se em relação a leitura e a subjetividade quando em 1ª pessoa do verbo relata:

“ A busca constante de minha existência e , portanto de minha inserção no mundo é movida por atos que me colocam na situação de confronto com diferentes

---

<sup>7</sup> SILVA, Theodoro Ezequiel.1988

horizontes de significados, Existo e ganho minha individualidade à medida em que desvelo e vivencio o plexo de significados atribuído ao meu mundo, pelos outros e por mim.

Falo, ouço; escrevo, leio; volto-me ao outro, comunico-me. Situo-me com os outros; busco a união através das coisas do mundo. Esta busca é mediada por um determinado tipo de linguagem – sem ela inexistiria a possibilidade de expandir minhas experiências e de participar da transformação da cultura.”

A leitura tem sido vista como uma simples decodificação de letras e fonemas concorrendo para a formação de palavras ou frases, já que a “compreensão” do texto é vista como consequência, neste processo. Desta forma, ocorre o afastamento da noção de texto, limitando o aluno à identificação de palavras e frases apenas, sem levar ao real significado do texto, ou seja, a leitura real.

A partir destas observações, podemos concluir que para que haja a leitura é necessário e importante um conjunto de ações: decodificação de signos, experiências prévias, interação (leitor e texto), reflexão e compreensão; ou melhor, a leitura é a comunhão de processos cognitivos e comunicativos, sem os quais ela não acontece. Tudo isso a fim de que o leitor não seja um ledor, mas um cidadão crítico capaz de “transformar” a cultura.

# CAPÍTULO

## II

### ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A LEITURA

## 2.1- LEITURA E SOCIEDADE

Grande parte do patrimônio cultural da humanidade está representado, simbolicamente, pelos documentos escritos. Isto confere à leitura um papel preponderante nas sociedades modernas e, conseqüentemente, no universo escolar, lugar por excelência, onde, historicamente, se promove a educação das crianças e dos jovens, nessas sociedades.

A leitura e a escrita possuem múltiplos significados e valores na nossa cultura. Ler pode significar desde atribuir sentido, numa acepção mais ampla, até a simples decodificação.

Não é um ato solitário e isolado dos problemas sociais, fora do mundo, segundo Magda Becker Soares bem nos define: “A leitura é interação verbal entre indivíduos, indivíduos socialmente determinados: o leitor, seu universo, seu lugar na estrutura social, suas relações com o mundo e com os outros”<sup>8</sup>

Possui, então, múltiplos valores em nossa cultura. A posse e o uso da escrita, no entanto, ainda são privilégios das classes economicamente bem sucedidas, o que acaba por denominar a utilização da sua norma lingüística, por ser mais prestigiada socialmente.

Para esse segmento, atribui-se à leitura um valor positivo, benéfico ao indivíduo e à sociedade como forma de lazer, prazer, enriquecimento cultural e ampliação de horizontes. Já para as classes populares, a leitura funciona como instrumento para obter melhores condições de vida, ressaltando-se aí sua função utilitária.

A formação de leitores/ escritores, na escola, depende da valorização da expressão oral, pois uma das principais dificuldades dos alunos decorre da “postura

---

<sup>8</sup> Soares, Magda. 1988

repressiva da escola em relação aos falantes do dialeto não-padrão, que leva ao emudecimento de grande parte dos alunos e à indisposição para identificar-se com o ensino institucionalizado.”<sup>9</sup>

A valorização da linguagem do aluno apóia-se no fato de que a língua é um conjunto de variedades lingüísticas, consequência da enorme diversidade social; e se o professor reprime essa linguagem pode estar formando um ser passivo e inibido, e que possivelmente detestará a leitura e a escrita no resto de sua vida.

Numa sala de aula as crianças apresentam diferenças, tanto nas práticas vivenciadas no seu grupo social quanto nas competências individuais de interagir com o texto. Portanto, devemos levar em conta tanto uma dimensão individual quanto sociocultural da leitura e da escrita desses alunos, para que haja um diagnóstico sobre esses aspectos e possamos trabalhá-los de forma adequada.

Como diz Paulo Freire:

Toda leitura da palavra pressupõe uma leitura anterior de mundo e toda leitura da palavra implica a volta sobre a leitura de mundo, de tal maneira que “ler mundo” e “ler palavra” se constituam num movimento em que não há ruptura, em que você vaio e volta. E “ler mundo” e “ler palavra”, no fundo, para mim, implicam reescrever o mundo. Reescrever com aspas, quer dizer, transformá-lo.<sup>10</sup>

---

<sup>9</sup> LEMLE, M. 1978

<sup>10</sup> FREIRE, Paulo. 1994.

A leitura nos faz indivíduos transformadores, que a partir de nossos valores e experiências nos tornamos capazes de criticar o mundo e a sociedade da qual fazemos parte.

De acordo com a realidade educacional brasileira, como afirma Ezequiel Theodoro, as funções da leitura podem ser explicitadas da seguinte forma:

- 1- Leitura é uma atividade essencial a qualquer área do conhecimento e mais essencial ainda à própria vida do Ser – humano.
- 2- Leitura está intimamente relacionada com o sucesso acadêmico do ser que aprende; e, contrariamente, à evasão escolar.
- 3- Leitura é um dos principais instrumentos que permite ao Ser Humano situar-se com os outros, de discussão e de crítica para se poder chegar à práxis.
- 4- A facilitação da aprendizagem eficiente da leitura é um dos principais recursos de que o professor dispõe para combater a massificação galopante, executada principalmente pela televisão.
- 5- A leitura, possibilitando a aquisição de diferentes pontos de vista e alargamento de experiências, parece ser o único meio de desenvolver a originalidade e autenticidade dos seres que aprendem.<sup>11</sup>

O patrimônio simbólico do homem contém uma herança cultural registrada pela escrita. Estar com e no mundo pressupõe, então, atos de criação e re-criação direcionados a

---

<sup>11</sup> SILVA, Ezequiel Theodoro. 1996

essa herança. A leitura, por ser uma via de acesso a essa herança, é uma das formas do Homem se situar com o mundo de forma a dinamiza-lo.

Neste contexto, encontramos a responsabilidade da escola que é, moderadamente, a principal responsável pelo ensino de ler e escrever, apesar da presença marcante dos meios audiovisuais na sociedade em geral. Desta forma, o livro ainda permanece como o veículo mais importante para a criação, transmissão e transformação da cultura.

A leitura realmente está presente em todas as partes, mas para que o leitor, principalmente os iniciantes percebam esta presença, é necessário que nós professores nos conscientizemos disso, pois só desta maneira nos tornaremos e formaremos leitores de verdade, capazes de relacionar o mundo e a sociedade com textos e suas próprias leituras.

# **CAPÍTULO**

## **III**

### **PROPOSTA DE LEITURA**

### 3.1- PREPARANDO PARA PRATICAR A LEITURA

“Ninguém aprende a gostar de livros apenas ouvindo falar de livros ou vendo-os de longe, trancafiados numa prateleira – é necessário que a criança pegue e manipule o ingrediente “livro”; leia o que está escrito dentro dele para sentir o gosto e verificar se essa atitude tem ou poderá ter aplicação prática em seu contexto de vida.” ( Ezequiel Teodoro, 1988)

Depois de alguns anos de sala de aula trabalhando desde o 1º segmento do ensino fundamental até o ensino médio, vimo-nos na obrigação de tentar melhorar o conceito de leitura em sala de aula. Para isso, desenvolvemos um projeto com crianças da 5ª série do ensino fundamental, de um colégio particular em um bairro de classe média baixa. A proposta era proporcionar ao aluno o estímulo para escrever através da leitura.

A turma passava por um período de adaptação à nova escola, muitos amigos eram novos, enfim era uma experiência nova os alunos, quando foi detectado um certo tipo de preconceito com alunos negros em sala de aula: gozações e piadas de mau gosto. Então, este foi o ponta-pé inicial para o desenvolvimento do projeto.

O texto escolhido foi : “Uma lenda da criação do homem” da escritora Ruth Rocha (em anexo) e a partir dele, depois de debates e discussões entre os próprios alunos, foi dado início a produção dos textos.

O projeto partiu da escolha dos personagens, aos quais foram dados nomes e personalidades individuais. A partir desta escolha, os alunos escreveram sobre aventuras e situações vividas por estes personagens que foram transformadas em capítulos de um livro que foi elaborado ao final do projeto.

Se ler livros dos mais diversos autores é um ato de desprazer, compor e ler o seu próprio livro deverá se tornar um ato de grande importância e excelência, e, a partir deste incentivo o aluno verá a leitura “com outros olhos” e perspectivas.

Este projeto teve e tem como objetivo fazer com que alunos, de qualquer faixa-etária, dêem valor à leitura, incentivando cada vez mais o processo de construção do conhecimento, descobrindo a subjetividade de cada ser a partir de seus mecanismos sócio-psicológicos. Pretendemos afirmar a importância da leitura, sua influência produção do ser subjetivo, através de pesquisas no campo teórico e prático.

### 3.2- PRATICANDO A LEITURA E A PRODUÇÃO DE TEXTO

De acordo com a Professora da Universidade de Santa Catarina Gilda Luck, existem algumas regras básicas para um projeto ser bem sucedido junto aos alunos. Segundo ela temos que envolvê-los no processo, abrindo o canal de comunicação e interação.

Propõe, então, algumas regras básicas para orientar o professor em um trabalho mais dinâmico e interativo em sala de aula:

“1- Procure iniciar suas atividades sempre no horário, assim vai-se criando hábitos também nos alunos;

2- Cumpra sempre com as atividades propostas, a não ser que surja algum imprevisto, isto também deve ser repassado ao aluno, para que o mesmo possa ajudar a reprogramar a atividade e desejar que haja sucesso em seu desenvolvimento;

3- Compartilhe suas idéias, assim o aluno também poderá contribuir para melhorar as atividades em mente;

4- Ponha ordem e trabalhe com regras para que vá se criando o respeito às individualidades e diferenças;

5- Procure atender a todos sempre que um expõe seu ponto de vista, falando um por vez, isto ajuda a manter a auto-estima de todos;

6- Procure tratar a todos de maneira igual, desta maneira você também será respeitado e bem quisto.

Todos estes cuidados foram tomados e seguidos corretamente, de maneira que todos os alunos se envolveram com as atividades propostas e o trabalho foi muito bem realizado.

No início do ano letivo, procuramos perceber que tipos de problemas a turma da 5ª série estava enfrentando. Observamos que por serem uma turma que acabara de se juntar, pois muitos vinham de outras escolas do bairro, ainda não tinham formado um ciclo de amizade. E, muitos possuíam um sentimento de preconceito quanto à cor ou classe social de outros colegas.

Trabalhamos, então, o texto de Ruth Rocha “Uma lenda da criação do homem”(em anexo) e a partir deste propomos o nosso projeto aos alunos.

Conceituamos a palavra “lenda”: Tradição popular utilizada para explicar, de forma lúdica e mentirosa, o que em uma época da nossa história não teria explicação; invenção. Interpretamos o texto até chegarmos a sua total compreensão e, discutimos em sala de aula sobre o preconceito racial e social tendo como principal objetivo chegar a conclusão (como diz o próprio texto) que só os povos ignorantes e ainda não desenvolvidos são os que se consideram superiores a qualquer outro.

Procuramos reportagens em revistas e jornais e exploramos o assunto ao máximo, sempre com a ajuda dos alunos, os quais se mostraram muito interessados e motivados. Neste momento a turma já estava com um espírito de amizade maior do que no início, pois os trabalhos eram feitos em grupos na própria sala de aula.

Então, propomos a criação de um livro. A proposta não foi recebida como um susto, pois já tinham lido e discutido bastante sobre o tema amizade e estavam muito animados em produzir um texto que falava sobre os três personagens que criamos juntos: Tatuê (um menino que era índio), Pelezinho (que era negro), e Fael ( que era branco) ( em anexo).

Estes, denominados pelos próprios alunos a partir do texto de Ruth Rocha, seriam os personagens principais de todo o livro e deveriam passar por várias aventuras juntos, derrubando todas as barreiras que encontrassem.

Durante cinco meses as aulas de Redação só abordaram este assunto. Cada redação, individual, seria um capítulo do livro. Todos estes textos eram orientados pelo professor em sala de aula. Uma aventura, para os três amigos (Tatuê, Pelezinho e Fael), era proposta e a criatividade começava a fluir oralmente. Após a escrita, os alunos liam seus textos para os outros e davam idéias para a melhoria da história do colega. Após a correção feita pelo professor, era dever do aluno passar a limpo toda a sua história no seu próprio caderno, exercitando também a ortografia.

A partir daí foi fácil chegar na montagem do livro. A atividade movimentou os alunos e estes passaram a ler e escrever sem serem cobrados, e com mais frequência, porque queriam sempre estar trazendo alguma novidade sobre o assunto que estava sendo discutido em sala de aula. A nós, professores, coube incentivar a melhoria da expressão escrita.

Os alunos se mostraram seguros e participantes e em nenhum momento reclamaram de ler ou ter que escrever mais um texto. Tanto que os livros foram feitos e entregues dentro do prazo determinado.

Até uma poesia foi criada em conjunto na própria sala de aula:

**Preconceito**

*Na minha sala de aula*

*Há gente de todo tipo*

*Tem gente branca, preta e morena!*

*E tem “gente muito metido”.*

*Mas todas essas gentes  
Tem seu modo de viver  
Gente que é muito rica  
E gente que não tem nada pra comer.*

*Na minha sala de aula  
Não há preconceito  
Somos grandes amigos  
E temos muito respeito.*

*Não importa raça, cor ou credo!  
Somos todos iguais  
Ninguém tem preconceito  
E vivemos em paz.*

Infelizmente, não existem receitas para o professor preparar “bons leitores” em suas aulas de Língua Portuguesa ou em outras disciplinas preocupadas com a formação de um leitor crítico e de um cidadão consciente, mas podemos procurar conhecer os nossos alunos e, ao escolher textos lembrar de seus interesses e limitações, sem nunca esquecer de incentivar a interação. Desta forma, podemos transformar a leitura num ato prazeroso e não cansativo e chato como disseram alguns alunos entrevistados em nossa pesquisa de campo.

## CONCLUSÃO

Crianças precisam de liberdade para se tornar leitores.<sup>12</sup> Só assim poderemos formar adultos conscientes.

Já está na hora de professores e escolas pararem de colocar a culpa somente no aluno e tomarem uma porcentagem desta para si.

De acordo com a Nova LDB 9.394/96 art. 36 parágrafo I: “A língua portuguesa deve agir como instrumento de comunicação, acesso ao conhecimento e exercício da cidadania.” E é sobre isso que todos os professores, não só os de Português mas, os de todas as disciplinas devem ter consciência. Não adianta tentar inculcar em nossos alunos apenas normas e regras que nunca irão necessitar realmente para sua sobrevivência dentro da sociedade. A nós, professores, cabe mostrar caminhos para que o uso da língua materna não seja um sacrifício, mas um gosto.

Devemos interagir com nossos alunos de modo a possibilitar sua inserção efetiva no mundo da leitura e da escrita; atuarmos para que reconheçam a ampliação de sua competência discursiva como condição de acesso à herança cultural e ao exercício pleno da cidadania; valorizarmos todas as manifestações literárias como formas de expressão da cultura brasileira e reconhecermos que a sensibilidade de nossos alunos não pode ser sufocada.

É preciso, considerarmos cada aluno um usuário competente da língua materna em contextos familiares, trabalhando para convencer a cada um deles do muito que já sabem e de sua capacidade de vir a saber cada vez mais.

Nosso trabalho não conseguiu dar fim, e nem seria essa a nossa pretensão, nas reflexões sobre “a leitura em sala de aula”, mas buscou incentivar professores a

---

<sup>12</sup> PELLEGRINI, Denise. In: Nova Escola. 1999

acreditarem em uma proposta de trabalho através da leitura, mesmo com tantas dificuldade que a estrutura da educação brasileira apresenta.

Vimos que a maioria das professoras entrevistadas (entrevista em anexo) queixou-se da falta de tempo que as escolas reservam para a disciplina de Língua Portuguesa e que todas estão preocupadas em concluir o livro didático dentro do prazo estimado. Por isso depois de tanto refletirmos sobre a leitura e as condições que favorecem este ato, concluímos que seria oportuno a criação de mais uma disciplina nos currículos escolares do Ensino Fundamental e Médio, que tivesse como propósito formar leitores conscientes e cidadãos agentes. Uma disciplina que, com professores dispostos e capacitados, fosse capaz de incentivar, gradativamente, o prazer da leitura. Formar não decodificadores de signos ou ledores como disse o pesquisador sobre o ato de ler Ezequiel Theodoro da Silva, mas indivíduos pensantes, a fim de que possam ler o mundo com olhos críticos e se fazerem presentes dentro da sociedade em que vivem. Não importando a condição sócio-econômica em que se encontram, mas procurando através da sua leitura de mundo transformar a sua condição intelectual e sócio-econômica.

Esta não é, com certeza, uma proposta fácil. Alterar o currículo escolar é necessário realmente muito estudo e implica outros fatores. Mas usaremos então o que se encontra em nossas mãos neste momento: a força de vontade e a convicção de que somos mestres e que nossa missão é incentivar e mostrar caminhos para que o conhecimento seja cada vez mais amplo.

Este presente estudo nos incentivou a trilhar com mais determinação o caminho de incentivo à leitura e a sua inserção no currículo escolar. Por isso, nos vemos com um propósito cada vez maior: nos aprofundarmos nesse imenso mundo da leitura, suas teorias e conceitos, para que a prática seja atingida com êxito.

## **ANEXO I**

- **Pesquisa de campo**

Foram entrevistados seis professores com as seguintes características:

- 1- Maria Helena Vidigal – Rede Privada de Ensino
- 2- Andréa Miranda Campos – Rede Privada de Ensino
- 3- Ana Maria Ribeiro Mota – Rede Municipal de Ensino
- 4- Márcia Gonçalves de Carvalho – Rede Municipal de Ensino
- 5- Rosângela Cristina Pereira Dias – Rede Estadual de Ensino
- 6- Neli da Silva Santos – Rede Estadual de Ensino.

Obs: Todas Professoras são de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental e Médio, lecionam no Rio de Janeiro.

***1 - As disciplinas de Português e Redação conseguem trabalhar bem a prática da leitura em sala de aula? Explique.***

- 1- Às vezes. Se trabalharmos com textos coerentes e que atinjam os interesses dos alunos.
- 2- Não. Os professores ficam preocupados em acabar com as apostilas e terminar o conteúdo gramático (de regras e normas) e deixam de lado a leitura e as interpretações de texto.
- 3- Depende. O professor de língua deve dar prioridade a leitura, mas às vezes essa tarefa se torna difícil.
- 4- Tenho feito um esforço cada vez maior nesses sentido, entretanto muitas vezes o aluno não está devidamente motivado para isso.
- 5- Infelizmente não. A maior dificuldade que encontro são as salas lotadas e pouco tempo para a correção e debates. Redação deveria ser uma disciplina à parte.
- 6- Não, pois o tempo de aula não é suficiente e a matéria de Redação não é separada de Português.

***II - Em sua opinião, por que muitos alunos chegam ao ensino médio sem saberem ler realmente?***

- 1- Porque não possuem o hábito de leitura que deve vir de casa e incentivado pelo professor.
- 2- Porque a leitura não é o objeto principal das instituições de ensino, mas sim regras, normas e fórmulas.
- 3- Porque não são estimulados e não compreendem que a leitura é o caminho para o desenvolvimento da compreensão e do senso crítico.
- 4- O adolescente não tem interesse por atividades lúdicas e buscam atividades que não o façam perder muito tempo.
- 5- Porque as séries iniciais não deram atenção devida à leitura e conseqüentemente à escrita.
- 6- Por falta de incentivo e terem a facilidade de saberem as notícias pela televisão.

***III - Como você aplica a leitura e a construção de textos em suas aulas?***

- 1- Trabalhando, primeiro, idéias sobre um determinado assunto, observando o contexto que o envolve, em seguida, construindo o texto atentando para os elementos de coesão e coerência pertinentes ao tema escolhido.
- 2- A escola não adota livros de leitura, por isso trabalho os textos da apostila buscando dar argumentos aos alunos para que contestem e reflitam sobre as idéias principais através de um debate e a construção de seus próprios textos em conflito com o que foi lido.
- 3- Procuro analisar o meio social do corpo discente e a partir daí, oferecer textos com temáticas que abranjam o dia-a-dia do educando.
- 4- Procuro textos atuais e interessantes, faço a leitura em voz alta; peço que escrevam dando sua opinião sobre o que foi discutido.
- 5- Promovendo leituras de interesse geral e debates, logo após peço que desenvolvam uma redação com comentários críticos.

- 6- Levo textos que tem relação com o cotidiano deles e assuntos que combinamos de alar no início do ano letivo. Dou um texto base, discutimos e aplicamos.

***IV - Que soluções você daria para que o currículo escolar melhorasse mais o aproveitamento nas leituras e composições de textos dos alunos?***

- 1- A solução mais eficaz seria a criação de “salas de leitura”, incentivando o hábito de ler desde a infância.
- 2- Dar mais atenção a livros de leitura e não ficar presos apostilas e livros didáticos. E ainda, promover projetos de leitura e produção de textos tais como festivais de Poesias, de músicas e textos, enfim tudo que possa envolver a criatividade do aluno.
- 3- Os professores de outras disciplinas também trabalhem com a interpretação e a compreensão dos textos dentro de sua disciplinas específicas.
- 4- Estimular o gosto pela leitura e fazer com que os alunos produzam seus próprios textos através de projetos incentivadores.
- 5- Que todas as disciplinas visassem a leitura e a escrita.
- 6- Que tivesse um tempo só para a leitura e que o professor fosse capacitado para desenvolver esse trabalho, pois encontramos muitas dificuldades nesta área.

## ANEXO II

- Pesquisa de Campo

Foram entrevistados 15 alunos de 5ª série de colégios da rede pública e privada, os quais não citaremos os nomes, entre 10 e 13 anos de idade:

***I- Você gosta de ler? Por quê?***

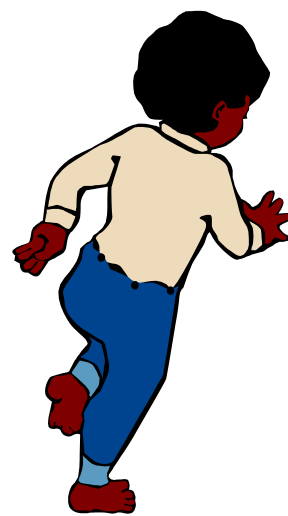
- 1- Não, porque os livros são muito grandes.
- 2- Não, porque é muito chato.
- 3- Não, porque eu fico tensa, fico gaguejando e falo coisas erradas.
- 4- Não, porque tem livros muito grandes que enjoam de ler.
- 5- Não, porque é chato demais.
- 6- Sim, porque as histórias são legais, mas têm algumas que são chatas.
- 7- Sim, porque lendo eu aprendo novas palavras.
- 8- Às vezes, gosto de ler histórias em quadrinhos.
- 9- Gosto de ler a parte das novelas do jornal.
- 10- Não, prefiro ver televisão.
- 11- Sim, porque com a leitura eu aprendo muito.
- 12- Sim, eu acho interessante pois não fico parado nas coisas e força a mente.
- 13- Só às vezes, pois algumas histórias são legais.
- 14- Sim, porque lendo aprendo coisas legais e trinamos nossa leitura.
- 15- Não, não tenho paciência.

ANEXO III

- PERSONAGENS QUE FIZERAM PARTE DO PROJETO.



FAEL



PELEZINHO



TATUÊ

**ANEXO**

**\*Desfecho do Projeto da Leitura em Sala de aula**

1º Livro: “As Três Raças” – Aluna: Mayara Mararangony

2º Livro: “As Três Raças” – Elton Melo Garcês

3º Livro: “Os Três Amigos nas suas Aventuras” – Nathan Pereira Lima

## ANEXO IV

### **\*Texto base para o projeto**

#### **Uma lenda da criação do homem**

Cada povo, desde os esquimós, que moram quase no pólo norte, até os patagões, que moram quase no pólo sul, tem uma maneira diferente de explicar a criação do mundo, a origem dos homens, dos animais e das plantas. Cada povo conta suas próprias lendas, nas quais o seu povo é o melhor do mundo, o mais esperto, o mais bonito, o mais querido por Deus.

Até as diferenças entre raças, o fator de pessoas terem cores diferentes, serem mais ou menos altas, mais ou menos gordas ou terem cabelos mais ou menos crespos, são explicadas por suas lendas. Essa que eu vou contar é uma lenda dos índios da América. Como vocês vão ver, eles estão crentes de que os povos morenos, bronzeados, como eles, é que são mais bonitos.

Isso acontece com os povos primitivos. Quanto mais civilizado for um povo, mais ele vai perceber a beleza que existe nos outros, que são diferentes dele mas que têm seu tipo próprio de beleza.

Deus um dia resolveu fazer o homem. Pensou e fez três bonecos de barro. Todos muito bonitos, bem acabados.

Aí achou que deveria cozinhar os bonecos, como as mulheres da aldeia faziam com os potes de barro.

Enquanto os bonecos secavam ao sol, Ele fez um forno grande.

Botou bastante lenha dentro, botou os bonecos e fez um fogaréu.

Esperou, esperou e então começou a ficar impaciente. Ele estava muito animado com o trabalho e muito curioso para ver os resultados.

Não demorou muito. Ele não agüentou e tirou o primeiro boneco. Que decepção!

O boneco estava cru. Branco, desbotado, pálido, parecia doente.

Ele botou o boneco de lado e ficou esperando os outros. Desta vez teve mais paciência e esperou bastante. Então tirou o segundo boneco. Que alegria!

Era exatamente o que Ele queria! Bronzeado, moreno, tinha uma linda cor de saúde, estava pronto!

Deus ficou tão entusiasmado com sua obra, olhou para todos os lados, achou que tinha feito um ótimo trabalho, que esqueceu do terceiro boneco...

E quando lembrou e foi tirar do forno o último boneco. Que pena! Estava todo queimado!

É assim que os índios da América explicam a existência de brancos, negros e índios.

ROCHA, Ruth. In Nova Escola, Abril/ 1986. p.34.

### **BIBLIOGRAFIA**

ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos ideológicos do estado*. 6ª ed. Rio de Janeiro. Graal, 1992.

BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. São Paulo. Brasiliense, 1981.

CORSINA, Patrícia. *Leitura-Escrita: perspectivas de avaliação diagnóstica*. In: In: Salto para o futuro: Ensino Fundamental. V.2, Secretaria de Educação à Distância. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, SEED, 1999.

FREIRE, Paulo. Ensinar - aprender: leitura do mundo, leitura da palavra. In: \_\_\_\_\_ . Professor sim, tia não. 4ªed. São Paulo, Olho D'água, 1994.

\_\_\_\_\_. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. São Paulo, Autores associados/ Cortez. 1981.

GOULART, Cecília Maria. *Ninguém cria nada: O texto como fonte para produção textual*. In: Salto para o futuro: Ensino Fundamental. V.1, Secretaria de Educação à Distância. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, SEED, 1999.

HUBNER, Regina Maria. *Cadernos da TV Escola, Conversa de Professor: Língua Portuguesa*. Brasília, Secretaria de Educação à Distância. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, SEED, 1996.

LMELE, M. "*Heterogeneidade dialetal: um apelo a pesquisa*". *Linguística e ensino do vernáculo*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1978.

LOPES, Ângela Thereza & MENDONÇA, Rosa Helena. *Leitura: uma proposta interdisciplinar*. In: Salto para o futuro: Reflexões sobre a educação, no próximo milênio. Secretaria de Educação à Distância. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, SEED, 1998.

- LUFT, Celso Pedro. *Dicionário de Língua Portuguesa*. 13ªed. São Paulo. Ática, 1998.
- MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura?* 19ª ed. São Paulo. Brasiliense, 1994.
- MOYSÉS, Lúcia. *O desafio de saber ensinar*. 2ª ed. Campinas, São Paulo: Papirus. 1995
- ORLANDI, Eni P. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. 2ªed. Campinas. Pontes, 1987. p. 177 – 215
- PELLEGINI, Denise. *Como semear leitores em sala de aula*. Revista Nova Escola. Ano XIV – nº 128- Dezembro de 1999.
- ROCHA, Ruth. *Uma lenda da criação do Homem*. In Nova Escola, Abril/ 1986. p.34.
- SANTOS, Aldalea Figueiredo dos. *Leitura: uma proposta de trabalho*. Dissertação de Mestrado - UFF, Niterói, 1995.
- SILVA, Ezequiel Theodoro. *O Ato de Ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia de leitura*. 7ª ed. São Paulo. Cortez, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Elementos da pedagogia da leitura*. Rio de Janeiro. Martins Fontes, 1988.
- SOARES, Magda. *Linguagem e escola - uma perspectiva social*. 10ª ed. São Paulo. Ática, 1993.
- SUDBRACK, Edite Maria. *Reinventando o currículo: Em busca de Qualidade*. Revista Científica da UFMG - Ano II – nº 04 – 1995.